

Eduarda Chiote

VIRA BICHO

Divagações

Este texto pretende ser uma homenagem a Sofia, a única capaz de entender a simplicidade: “a tripa apodrece, as vísceras vão-se em odores pestilentos perante a humana indiferença”.

O QUE ACONTECEU DURANTE “O ÁRDUO CAMINHO QUE CONDUZ DO INFERNO À LUZ”

Batem à porta. Com os nós dos dedos. – Estará avariada a campainha? Levanto-me e espreito pelo círculo microscópico o olho da Bia. Petrificado, gelado. Através da lente minúscula. Afasta-se, mas eu reconheço-a pelas três cabeças, pelos cabelos, por um cabelo único – um só fio branco numa espuma negra: caótica e exasperada aproxima-se de novo e o olho surge dilatado: um abutre no visor. E a cabeça de um só cabelo, por sinal branco, de gelo, de um fio infernal, gelado, sai de cena sem dimensão ética ou metafísica para ceder lugar à voz que não pede, exige: abra!, por favor, abra!; e agora, aberta a porta, ela, Bia,

em frente /diante de mim

diz como se nada tivera acontecido durante as trevas de um dia anterior ao da criação das pombas, que não apenas ao das fundas águas de onde se redime o dilúvio (que se abateram sobre a criatividade impiedosa deste livro em virtude de uma bactéria nelas infiltrada, de certeza maligna pois desapareceu das páginas e as deixando vazias de vida) diz: calcule quanto tenho de luz, cento e oitenta euros. Não incomodaria se a situação não fosse tão desesperada. Mas desta vez estou mesmo a caminho de ficar encurralada. – Vai voltar a fugir? – pergunto. Não fugi: andei por aí, na selva no caminho; mas não lhe telefonei porque não queria preocupá-la.

Ri: ri mal, mas ri, ri mal, volta a rir-se, mas agora como Jesus no Evangelho de Judas, prometendo: desta vez pago, o

que não posso é prostituir-me ou roubar. – Claro, digo, interrogando-me sobre a quem imita nestes tempos medrosos, encolhidos, ocos e opacos. Censurá-la não resolve nada. De modo que me furto, evasiva: – Não estou neste momento, disponível. “Ah! Vai sair? Ora ainda bem, que esta casa parece mesmo um jazigo. Não faz mal. Volto então quando chegar.”

– É que não tenho esse dinheiro comigo. “Não faz mal. Volto depois. Vá, vá lá onde tem que ir e divirta-se.” E. Eu. Sigo o seu conselho. E. Vou. Ou melhor: fui.

A um jantar.

Onde ouvi: você não gosta de cães, de cachorros, é verdade? E eu lembrando a rafeira da Bia no delírio do mais baixo plano de actividade bíblica e mental por este texto sonhado confirmo, não, não gosto, nem por isso, são como certas pessoas, de dependência friável. A menos que... sugiro evasiva, desatenta e des/atendida de uma eminente lican-tropia nos lupinos netos da nobre corte da Bia (diminutivo de Beatriz, minha mulher a dias desde menina), a menos que... e nesta indecisão socorrendo-me da inércia cognitiva que tende a generalizar – sou vil, reles como toda a gente – e consequentemente querendo não desacertar, sou neste ponto interrompida por um dos elementos do grupo que apercebendo-se na minha postura de uma velada censura aos seus Barclay(s) e Deutsche (s) de trazer por casa, passa, destes, a falar-me amarrotando-me com o snobismo da sua indiscutivelmente alta classe e o requinte de um alemão imposto pelo pai e como se este fosse o de um Papa ou de um Príncipe territorial – alemão cultivado provincianamente ao jantar das quintas e em família que não o inglês de os, de agora, pés descalços... a menos que o robalo precise de ser envolvido em clara de ovo antes de receber o sal.

Num desafio não sei se arrogante se meramente irritante ou apenas intrigante, alguém me assegura, alguém do grupo: ora ainda bem que você aceitou ao nosso convite, deixe para lá! queríamos era dar-lhe os parabéns, anda a escrever melhor que nunca. – No momento sobre o que está motivada? E eu: não sei bem, aliás não sei nada, nada de nada, salvo que a minha empregada me contou que uma criança lhe havia perguntado, és homem ou mulher? E ela lhe havia respondido: estúpida, não vês que tenho os lábios pintados? e em face deste despropósito todo o grupo rindo como

*Diante de Dante, Bia só me ria
Quando me via rir-lhe radiante.
No mesmo instante, eu re/sorrindo-lhe
O lindo riso que Bia fazia,
De tão bonito inibia o Dante*

perante uma envolvente ilustração por Bia de mim, reparem!, que não a de Doré envolvendo a porosa Beatriz de Dante, reforçando estarem a preparar um programa de televisão sobre o riso, “queremos que participe, você é tão querida!, prometa-nos que vai”.

Enfim... decidir-se por coisas mais leves/ligeiras, mais soltas e agradáveis do que aquelas de que estamos precisados, embora vindas de si, um nadinha incómodas, desconfortáveis e eu: “Com efeito, um nadinha sim, mas agora desculpem, agora tenho mesmo de ir, tenho um compromisso, está a fazer-se tarde.”

E. Neste momento: indo; tomando um táxi.

E em casa fazendo uma mala e partindo rumo à estação onde compro um bilhete, me instalo no comboio, abro um livro comprado apressadamente na gare: o qual: à toa.

Abro.

E leio: num capítulo ao acaso: “No dia em que me refizer da infantilidade de repensar os gestos dos outros pela minha própria natureza, estarei morto”. – Puerilidade!, penso, até porque e *noblesse oblige*, não podemos subir senão até ao sol do umbigo para sermos devorados pelo próprio umbigo. Afinal, não podemos prover a luz

“que cai em todos os sentidos”

da voz: “Um café, um chá, um sumo de fruta, um copo de água?”

Olho. A Voz imprecisa.

E.

Os meus olhos pedem à empregada um chá, mas por favor de frutos de deuses que antigamente havia deuses para todos os frutos. Só que ela não os vê, não os entende; olha-os somente e oferece-me um sumo empacotadíssimo e eu reparo em como me sinto magra, velha, feia, com olheiras: devo ter caducado e tido por instantes sonhos intensos, sádicos, daqueles que podem tornar a vida num inferno, sonhos mentirosos e graves, pois sonhara que havia perguntado à Bia: olhe lá, aquele rapaz que costumava estar consigo na mercearia e tinha os ossos à flor da pele, morreu de quê, hepatite?, pois tinha sonhado com pestes e sídas e uivos e monges drogados e árvores parasitárias gemendo pela luz e antes da luz do terceiro dia, numa aldeia longe, longe, algures, supenho que Perelman, na Rússia, e onde os sinos ecoavam terrivelmente por terríveis tardes altas como as dos socalcos altos das grandes quintas altas, garanto-vos eu que sou do tempo pasmado da pastilha elástica e da Pipi das meias altas.

O tabelião da minha aldeia escrevera um testamento legando parte desta ao padre e o padre dissera: ponha aí o meu nome e em todas as partes, e ele pensara não estar certo, que partes eram rios, montes, prados, que não entranhas da terra “que vão afunilando até se tornarem no nono círculo infernal”; de modo que contara tudo ao pai – chamava-se este Pascal ou Pascalino – e este aconselhara-lhe um mau silêncio, um silêncio mau, cala-te rapaz! E. Nesse momento. Foi, fora, tinha sido como se um obsceno mandamento se tivesse transformado em abjecto merecimento, e eu lembrara a criança da casa brasonada, advertindo-me: ouve-me Beatriz, ouve-me bem, os pobres são de merda e os ricos de chocolate. E eu amedrontada: e tu, quando tu fores pobre como os pretos guelfos? E ele, assertivo: mato-me. Juro. Mato-me. E então e a partir desse momento prometera-se.

PIETATIS RATIO

Mas “se me quero matar porque me não mato?” e em vez disso estou aqui interrogando-me sobre o que estou a fazer, quebrando a promessa, no átrio de um Hotel de três estrelas a querer fazer-se passar por quatro, como quatro são as patas dos porcos, dos cães, dos burros, dos cavalos e gatos e pedindo para me levarem a pequena mala ao quarto. Nada?

Então. Melhor não ficar. E, por isso. Não fico. Saio. Saio e deambulo por uma cidade que enlouquece de janelas altas e com a mestria musical das clarabóias e fachadas e a alta perfeição dos ferros forjados e sem filosófico cinismo, dos seus Palácios de Cristal, aqui e perguntando-me porque vim parar a uma mais que reles tasca. Onde o empregado me diz, quando eu consultando a lista: nunca comi deste peixe. –

Ó senhora, não diga asneiras, são cavalas! E se põe a louvá-las com gestos simples e de grande sabedoria e me traz um jarro com o vinho da casa e me polvilha o prato com a salsa de um vaso. À porta. Talvez um cão terá urinado e deparando com um cliente mais pobre (e nós agora quase todos cada vez mais pobres) lhe recomenda: ó homem não coma duas sandes que lhe fazem mal, fica melhor com um arroz de feijão e umas petingas e paga o mesmo. E agora indo embora e de regresso ao Grande Hotel, e já na rua de Santa Catarina, me dispondo a entrar na Fnac e a comprar uns poemas escritos por menina versada em Faculdades que pelos vistos estará na literatura como podia estar numa outra merdice qualquer, e já no quarto me dispondo a ler os editados em capa cor de cereja com a pieguice de um “Mon Cherrie, vejam lá!”

Eu conseguindo entender a doçura que ofende a ternura: “nunca a exponhas, a menos que queiras expor a tua fragilidade”, tinha sido aconselhada pela minha empregada à qual a respiração de um peixe, os nervos de um osso, a saliva de um pássaro, talvez a Pipi das pernas altas ou a Lolita ou a criança Alighieri(ana) pela avó enamorada, havia perguntado: És homem? e ela, “Estúpida, não vês que não tenho barba e tenho os lábios pintados?”, esquecendo ter havido homens, porque homens houve que para poderem sê-lo tiveram de pintar-se. E que a barba de uma mulher havia sido misturada “às raízes de uma montanha, à respiração de um peixe, aos nervos de um osso, à saliva de um pássaro”.

E. Esquecendo. Eu.

Agora.

O que estou a fazer nesta cidade, palerma e em plena rua observando agora uma senhora que escorrega e se estatela e fica de costas a espernear como barata entontecida pelos espasmos da derrapagem europeia morna e flácida. E já no

Majestik pensando, ao tomar um café com natas, em como fora esta minha mansa perplexidade que me conduziu ao vício de não diferenciar, por tão excessivo observar, o diamante puro da rocha tosca e sem morfologia, ou seja, o que, no fundo, a tornara, à Bia, bicho besta e bruto e o que se convertera em mim, e sob o fundo repugnante de uma ignóbil sonsidão, na amena temperatura dos banhos de mel que não de fel tomados outrora no Hotel de Siegen/Wittgenstein: banhos que me apetece e com cheiros de alecrim aos molhos e nos olhos de maldosos santos, de todos os padres santos, de toda a descarada santidade, tomar para relaxar, pois não sei o que estou a fazer neste texto ou em qualquer lugar “onde o sol se cale e a luz comece” e invocando vícios vários e libertos da in/cumprida promessa de matar.

Uma vez que.

Seramente: deambulo no texto que me ferve dentro da cabeça e me não larga, com eles. Bichos. Me mato e des/mato. Pois, na verdade, em verdade, foi sempre o que a escrita quis de mim: brincar aos crimes e ao riso dos amores atraíçoados.

Que.

Sempre desconfiei fazer parte da sociedade secreta dos “Fieis do Amor do Intacto.”

“Eu gosto ou não gosto,” dissera-me frontal e fulminantemente, um dia, a Bia, e não tenho nada a ver com essa coisa do “gosto de gostar” ou de “gostar só de partes”. Não faço das pessoas talho.

– Talho?

“Partes. Há pessoas que só gostam de partes.”

– Que quer dizer ...?

“Quero dizer que há pessoas que só gostam, da carne, das suas melhores partes; olhe, de bife de lombo. Pessoas muito finas; todas elas *não me toques*, todas elas *pergaminhos*: que



COMPANHIA
DAS ILHAS

terceira margem nova série | 017

Eduarda Chiote

VIRA BICHO

Divagações

© Autora e Companhia das Ilhas

Edição 017

1.ª edição NOVEMBRO de 2025

Tiragem única de 200 exemplares

Organização e revisão MARIA F. ROLDÃO

Design gráfico e paginação CAM | WWW.COMPANHIAASILHAS.PT

Fontes

Corpo do texto Swift

Outros elementos Geliat ■ Quick Sand ■ Myriad Pro

Impressão e acabamentos EUROPRESS, INDÚSTRIA GRÁFICA

Depósito legal 556 112/ 25

I S B N 978-989-9154-89-6



COMPANHIA
DAS ILHAS

Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3

9930-149 LAJES DO PICO

Telefones ■ Rede móvel: 912 553 059 | 917 391 275 ■ Rede fixa: 292 672 748

companhiadasilhas.lida@gmail.com

www.companhiadasilhas.pt